

Fenomenologia merleau-pontyana: mulheres Xavante e os processos metodológicos da pesquisa

Merleau-Pontian phenomenology:
Xavante women and the methodological
processes of the research

Maria Aparecida REZENDE¹

Resumo

Abstract

Este texto resulta de uma investigação científica, realizada com mulheres da etnia Xavante do âmbito da aldeia Pimentel Barbosa, em Mato Grosso. Objetiva-se, por meio desse recorte, desdobrar um diálogo acerca da fenomenologia merleau-pontyana e os processos metodológicos utilizados no decurso da pesquisa. Focaliza questões interligadas à educação das mulheres Xavante, detalhando, na prática, a metodologia desenhada junto a elas. Os fundamentos teóricos das análises se pautam em autores basilares como Merleau-Ponty, Geertz, Souza Santos, Capalbo entre outros. Os resultados apontam o entrecruzamento da construção metodológica, pelas mulheres Xavante, com a concepção de metodologia merleau-pontyana.

This text is the result of a scientific investigation, conducted with women from the Xavante ethnicity within the Pimentel Barbosa village, in Mato Grosso. It aims through this text excerpt to unfold a dialogue about Merleau-Ponty's phenomenology and the methodological processes used during the course of the research. It focuses on issues interlinked with the education of the Xavante women, detailing in practice, the methodology designed together with them. The theoretical foundations of the analyses are based on significant authors such as: Merleau-Ponty, Geertz, Souza Santos, Capalbo to name a few. The results point to the interweaving of the methodological construction, by the Xavante women, with Merleau-Ponty's design methodology.

Palavras-chave: Metodologia Fenomenológica. Mulheres Xavante. Educação.

Keywords: Phenomenological Methodology. Xavante Women. Education.

1 Doutora em Educação. Professora do Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação/IE, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Área:- Educação sob o enfoque em Educação Indígena; Educação Escolar Indígena; EaD; PIBID em EaD. Disciplinas ministradas: Antropologia, Relações Etnicas Raciais; Currículo; Didática e Educação Escolar Indígena. Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação do Programa de Pós-Graduação da UFMT. Endereço: Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.365, Boa Esperança, Cuiabá, MT. CEP. 78.060-900. Tel.: (65) 3615-8431. Email: <rezemelo@gmail.com>.

Introdução

Neste texto, procuramos desdobrar um diálogo acerca da fenomenologia merleau-pontyana e os processos metodológicos utilizados no desenvolvimento de uma pesquisa de campo, realizada com mulheres da etnia Xavante, da aldeia Pimentel Barbosa, situada no estado de Mato Grosso, cujo período de execução ocorreu no triênio 2009-2012, para fins de doutoramento.

Importa frisar que a fenomenologia concebe a ligação entre sujeito e objeto como dimensão originária do ser que é *relação*, de sorte que os pólos correlatos da relação intencional da consciência expressam e constituem a carne do ser humano. Sobre esse tema, ao longo de seus escritos, a filósofa da fenomenologia, Creusa Capalbo (2008), descreve essa relação entre o mundo, a natureza e a humanidade como incindível. Nesse elo, o universo da ciência vai se consubstanciando através do mundo vivido e percebido pelo corpo próprio das pessoas. Para a filosofia fenomenológica, a carne do corpo humano é diferente da carne da natureza, pois somente ela [a carne do corpo humano] pode se tocar e se apreender como sujeito pessoal e não como objeto.

A fenomenologia convida-nos a deixar que as essências se manifestem na transparência dos fenômenos, quer do ponto de vista da percepção, quer do meio sociocultural, histórico e religioso. Adotamos uma atitude de acolhimento do outro por colocarmo-nos diante do outro para compreendermos suas opiniões e ideias.

A pesquisa, no viés da fenomenologia, volta-se aos atos do sujeito. Do ponto de vista epistemológico, a fundamentação do método fenomenológico compreende o saber sobre o que é a consciência humana. A consciência, para essa filosofia, tem um movimento de imanência e de transcendência, de modo que a primeira é mergulho no interior e para dentro e a segunda é transpassamento e ultrapassagem das coisas e de si, para fora. Nesse sentido, a relação com o outro é humana, é aberta ao mundo e aos outros e não se fecha em uma única possibilidade. A humanidade, sobremaneira na fenomenologia, compreende a naturalidade do humano, e não é um antropocentrismo.

Esse contexto fenomenológico descortinou a possibilidade de realizar uma pesquisa, já em parte descrita em papel e no corpo, acerca de vivências que não se apresentavam nuas, mas vinham carregadas de intenções e de percepções de quem já não desconhecia corporalmente esse terreno. Para acompanhar a metodologia usada nesta pesquisa já concluída formalmente, é preciso apresentar as quatro fases que a organizaram.

A primeira, muito tímida, em que fotografa a vivência da pesquisadora nas aldeias da Terra Indígena Pimentel Barbosa, situadas à época entre os municípios

de Ribeirão Cascalheira e Canarana, Mato Grosso, no período de 1998 a 2000. É importante ressaltar que o foco não eram as mulheres, contudo, existia o convívio com elas, e isso não podia ser ignorado.

A segunda fase destinou-se, com intensidade, aos estudos bibliográficos e a outros procedimentos, como a participação nas disciplinas realizadas durante o curso no Programa de Pós-Graduação em Educação, que nos fez refletir sobre o tema escolhido pelas mulheres nessa fase de estudo e as idas para a aldeia, ao mesmo tempo. Também há de ressaltar a constante interação com as mulheres dessa etnia, embora de outras aldeias, por meio de conversas informais, mas importantes para a compreensão da pesquisa, visando mediar esse vivido dos outros e outras com o pensado. Todas essas ações trazem contribuições que ajudam a entender um pouco mais desse povo nas poucas pesquisas realizadas com mulheres, ainda que nenhuma delas fosse colocada como protagonista da pesquisa.

A terceira refere-se ao retorno da pesquisadora à aldeia Pimentel Barbosa, considerada aldeia mãe, lugar que deu origem a todas as outras situadas no interior da Terra Indígena Pimentel Barbosa, concretizando a proposta solicitada pelas mulheres, que era a de escrever um livro mostrando o cotidiano das Xavante. O livro, segundo elas, seria material de pesquisa da escola como um instrumento de fortalecimento da cultura dos *A'uwẽ*. A ideia foi assumida somente em 2009, mas de modo cuidadoso, *assuntando*² se ainda havia interesse por parte das mulheres e também da comunidade acerca da pesquisa. Ao consultá-las sobre a execução da pesquisa no contexto da aldeia e a possibilidade de suas participações, elas manifestaram grande interesse, pois esperavam que a pesquisadora aludisse ao prometido.

A quarta e última fase, período de desenvolvimento da pesquisa de campo até sua defesa pública na academia, bem assim a defesa na aldeia com a participação das mulheres, que apresentaram junto com a pesquisadora a metodologia do período da pesquisa e reafirmaram a importância do que elas chamavam de *projeto*, que deveria culminar na construção de um livro.

Desde o início da pesquisa, as próprias mulheres tomaram os caminhos e seguiram rumo àquilo que elas chamavam de “projeto para contar a vida das mulheres *A'uwẽ*”. Este estudo teve, pois, o propósito de atender ao pedido das idosas: registrar *por escrito* a educação feminina Xavante, na intenção de torná-la um subsídio para pesquisa às gerações futuras.

2 Colocar-se, de maneira jeitosa, por dentro de um assunto, para melhor compreendê-lo no seu contexto.

Todas as atividades desenvolvidas por elas e registradas ao longo da pesquisa mostram a preocupação da mulher *A'uwẽ* em sustentar um cotidiano voltado para sua cultura. Os símbolos culturais desse povo se mantêm vivos, pelo cuidado delas. Nesse estudo com as mulheres é preciso considerar suas relações com as simbologias existentes em sua cultura e religiosidade – o sagrado³ não pode ficar fora de suas relações sociais, que as identifica como mulheres Xavante. Essa identidade é construída junto com sua convivência social e no contexto sociocultural, político e econômico. Partilhamos, entretanto, que é mais que um lugar, é também um tempo e, sobretudo, uma relação.

As trilhas dos caminhos da pesquisa e o fortalecimento da cultura *A'uwẽ*

Essa metodologia, pensada pelas mulheres, tonifica o pensamento merleau-pontyano. Atesta a teoria pensada por Merleau-Ponty (2006, p. 3) de que o universo e o mundo estão juntos, unificados: “Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido [...], precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda.” Para pensar essa ciência temos que apreciar seu sentido e seu alcance. Ela não é maior ou melhor do que o mundo percebido, pois ela é uma determinação ou *explicação* dele.

Não chamamos de sujeito e objeto, pois a relação entre pesquisador e objeto tem uma significação objetivo-subjetiva, o que quer dizer que é a manifestação do fenômeno do mundo cujo relevo se apresenta para o sujeito a partir de um lugar, tempo e sexualidade possíveis de serem vivenciados e experimentados por aquele que se posiciona nesse lugar e nesse ponto de vista. Quem é o sujeito e quem é o objeto? Na visão merleau-pontyana, o objeto é entendido como o ato que media a conexão entre a carne da consciência com a carne do mundo.

De acordo com Creusa Capalbo (2008, p. 18-19), Merleau-Ponty “[...] parte da análise da vida concreta e cotidiana do ser-no-mundo. O homem e o mundo são os dois grandes temas da fenomenologia existencial, temas que conduzem à ontologia.” A presença e os atos do outro se mostram a nós intencionalmente pelo

3 Recentemente, o filósofo e antropólogo italiano Massimo Canevacci insistia que “[...] o sagrado não deveria ser confundido com a religião.” Veja IHU OnLine. 7 de maio, 2012. Disponível em: <<http://migre.me/aWKlx>>. Acesso em: maio 2015. Há outros sagrados na vida humana, o território, os velhos, as crianças, as fontes de água, as plantas, o corpo, o alimento, o amor.

comportamento⁴, sentimentos e só assim podemos compreendê-los parcialmente. Merleau-Ponty (2006) chama o visível de carne, *Princípio Universal*, e Capalbo (2008, p. 18-19), mergulhada nesse entendimento, afirma que “[...] a vida humana, ou a carne do corpo humano não se comporta igualmente como a carne da natureza. Só ela pode se tocar e se ver e nisto se apreender como sujeito pessoal e não como objeto.” Não se pode perceber a relação sujeito e objeto de modo separado, uma vez que *procuro* compreender o outro na relação com *meu eu*, por meio da dimensão de sua experiência vivida em seu contexto histórico-social, psicológico e cultural.

É por isso que, nessa perspectiva metodológica, os registros e comentários do caderno de campo, incluindo os sentimentos emergidos da janela do olhar da pesquisadora, mostram-se eivados de sentidos. Trata-se de sentimentos de um trabalho de uma década e meia com esse povo. Assim, descrevemos encontros e estranhamentos, emoções vivenciadas durante esse período, cuja ênfase recai no período da pesquisa propriamente dita. Esse séquito de sentimentos e perplexidades não mente, desvela sentidos nem sempre visíveis que geram densidade na relação.

O primeiro período vivenciado com esse povo não proveio de um *olhar acadêmico* e sim do trabalho compromissado com o povo *A'uwẽ*, no recorte do trabalho de formação continuada junto aos professores dessa etnia.

No segundo período, apresentamos um trabalho sistematizado com intenção definida para pesquisa com as mulheres desse grupo. Seguimos todos os trâmites de respeito dentro da aldeia: apresentação do projeto no *Warã* (reunião dos anciãos, realizada diariamente pela manhã e ao anoitecer); reunião com as mulheres para fazer a proposta do trabalho – a metodologia da pesquisa nos cânones da ciência foi rejeitada por elas e, somente depois, começaram as chamadas *busca de fenômenos* para descrição, que chamo de *percepções*, registradas no caderno de campo, fixadas imagens por máquina fotográfica, conversas informais com as mulheres no acompanhamento, quando em atividades cotidianas, na aldeia, na roça, enfim, em todos os espaços que estive junto a elas, partilhando desses serviços.

Muitas conversas com o cacique, com os velhos e, a cada vez que a pesquisadora chegava na aldeia, prática exigida para todos os que trabalham com o grupo, sempre ia ao *Warã*, fosse para avisar que havia chegado para dar continuidade à pesquisa, ou para anunciar a volta para a cidade, despedir-se e dizer que estava

4 Comportamento em Merleau-Ponty é a ação intencionada. Não tem qualquer afinidade com a dimensão exterior, comportamental ou behaviorista, que pretende retirar toda intencionalidade, e trabalhar com ações destituídas de liberdade e escolha, introduzindo nelas uma ação mecânica, resultado de um estímulo associado a algum elemento exterior que funcionaria como conexão desencadeadora da ação mecânica.

indo embora, trazendo uma previsão de quando voltaria. O relacionamento sempre fora o mesmo ao longo desses anos: de muito respeito, consideração e compromisso entre comunidade e a pesquisadora.

Na tese, o capítulo dedicado à metodologia foi dividido em três partes: 1. Pesquisa bibliográfica para compor a metodologia adotada, por isso mesmo, o diálogo com alguns fenomenólogos: Merleau-Ponty e Capalbo, Geertz e outros estudiosos do assunto, para ajudar na tarefa de clarear os procedimentos adotados na pesquisa; 2. Caderno de campo como estratégia metodológica etnográfica, visando descrever a experiência de pesquisadora com a questão indígena, de sua origem até o momento da pesquisa; 3. Registros fotográficos como estratégia metodológica de memória e complementaridade de informações não percebidas no momento, ampliando o campo de observação em momentos posteriores.

Nelas, as ilustrações falam por si, ajudam a esclarecer ritos e permitem compartilhar olhares com outras pessoas, sobretudo da força, mistério e beleza da cultura *A'uwẽ*. Assim começou e se desenvolveu, para além desta pesquisa, esse trabalho, com cumplicidade, sentimento e compromisso com os povos indígenas, em particular com os *A'uwẽ*. Os fios do novelo vão se desenrolando e abrindo caminhos, espaços para mostrar o protagonismo que essas valentes mulheres guerreiras, educadoras, agricultoras e coletoras vêm fazendo em sua educação de mulher *A'uwẽ*.

Aqui serão destacados dois momentos essenciais. Não percebemos nenhuma contradição formal entre os autores escolhidos: no campo da antropologia, Clifford Geertz (1989, 2007) e no campo da Filosofia, Merleau-Ponty (1991, 2009, 2006 2006b). Compreendemos a contribuição de ambos; no que tange à entrada no universo do *Outro*, como o lugar, mesmo de maneira intersubjetiva, intertextual e multirreferencial, para costurar essa rede de sentidos, os quais também fazem parte de nós. Os autores debruçam-se sobre o mundo da vida, não separando esse mundo vivido do conhecimento mais rigoroso sobre a realidade, nem implicando em uma diferenciação radical, divorciada entre o *eu* e *o(a)s outro(a)s*. Para o filósofo Merleau-Ponty (2006, p. 6-8, grifos do autor), o mundo:

[...] é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não 'habita' apenas o 'homem interior', ou antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. [...]. O mundo é aquilo mesmo que nós nos representamos, não como homens ou como sujeitos empíricos, mas enquanto participamos do uno sem dividi-lo.

Estando nesse mundo e fazendo parte dele por meio de minhas percepções explícitas, invado o campo do *Outro* para me colocar diante de uma pesquisa acadêmica. Em face disso, as mulheres Xavante, derrubando os trâmites canônicos universitários e colocando suas posições diante do mundo, de acordo com sua participação nele, houve a necessidade de mudar a metodologia e procedimentos. As certezas foram se distanciando cada vez mais. A primeira coisa que foi modificada, e ao gosto das mulheres, foi que a pesquisadora deveria acompanhá-las em todas as atividades. Inicialmente, a mesma havia pensado em focar algumas atividades em entrevista aberta, gravada, fotografada, supondo que daria conta de subsidiar esse enfoque, contudo, essa metodologia foi negada por elas. E, nesse sentido, expressaram opinião completamente diversa da pesquisadora, pois tinham um recorte epistemológico distinto daquele da modernidade acadêmica. E se tratava de considerar o lugar e o tempo, bem assim como se produz o conhecimento. A ciência é vista sob outro prisma, com respeito e solidariedade.

A compreensão de ciência e de mundo merleau-pontyana mais uma vez se faz presente nesse pensamento de mundo vivido pelas mulheres *A'uwẽ*. O filósofo Merleau-Ponty (2006, p.263) expressa:

O corpo se põe de pé diante do mundo e o mundo se põe de pé diante do homem, e há entre ambos uma relação de entrelaçamento. Entre estes dois Seres Verticais há uma superfície de contato que é a Carne Geral ou a Visibilidade. Vê-se, portanto, que a Historicidade está estreitamente ligada à instituição, ou antes, que instituir é específico à historicidade.

Nessa perspectiva de ciência, a historicidade foi se revelando no mundo dessas mulheres, compreendendo a dimensão cultural e de respeito aos saberes construídos milenarmente pelo povo Xavante. Elas são testemunhas desse entrelaçamento entre mundo e homem, pois não se colocam superiores aos outros animais, vivendo, assim, uma simbiose com as outras vidas, tanto do reino animal como do vegetal. Revelaram que o cerrado e a mata precisam delas para se manter vivos, e elas, por sua vez, precisam deles para sobreviver, pois seus sustentos alimentares e culturais advêm desses ecossistemas. Nessa ambiência contextual, foram orientando a metodologia do trabalho e, em vez de trabalhar com todas as mulheres, escolarizadas e sem escolarização, como era a proposta inicial e acadêmica dessa investigação, elas escolheram as mulheres idosas, todas sem conhecer a língua escrita e sem saber falar a língua portuguesa; sete mulheres participantes da pesquisa são idosas e consideradas as sábias da tradição *A'uwẽ*.

Ainda estava impregnada uma interpretação da modernidade, de pôr em generalidade e universalidade as mulheres como *elas mesmas*, como forma de generalização da compreensão delas no grupo. Mas, ao início da pretendida pesquisa, elas determinaram *sutilmente* o caminho a ser trilhado. Uma ou outra convidava a pesquisadora para acompanhar alguma atividade. Afirmaram que eram as *velhas*, que sabiam do viver dos *A'uwẽ*, ao passo que as jovens já estavam querendo mudar muito o jeito de ser e de viver do povo. Elas eram a referência da ação educacional.

Nessa construção metodológica ficou revelado que as mesmas atividades não eram feitas num modo único, mas que havia formas completamente pessoais e criativas, a partir dos recursos existentes, que permitiam caminhos distintos de aprendizagem, e não uma forma única para todas.

Por fim, na quarta fase, foi apresentada a tese a elas, já com *gosto* de livro, conforme o desejo das mulheres. Esse é o instrumento que a academia poderia chamar de *processo de devolução* e subsídio de intervenção educacional, como fonte de pesquisa para os professores *A'uwẽ* trabalharem com a nova geração, em especial, provocarem e despertarem nas jovens mulheres o desejo de seguir em frente com a jornada de trabalho feminino que alie toda a expressão pessoal com fatores de significação social e cultural, abertos e universais.

A preocupação das idosas era com a sustentabilidade alimentar respaldada na tradição, como a coleta de batatas e frutos nativos, seja do cerrado, seja da mata, mas com todo o cuidado de não se perder recursos, e, ao mesmo tempo, (re)conhecer os desejos da terra e das plantas, para nunca perdê-las; de não se perder a língua como forma de criação do mundo cultural Xavante, e trazer a vivência presente dos diversos rituais que inseriam e produziam a ligação de toda a cosmologia, ao destino e o sentido do viver deste Povo.

A abordagem teórico-metodológica é de pesquisa qualitativa, numa perspectiva da compreensão fenomenológica das relações entre *eu*, o *outro* e o *mundo*, retraduzidas pela etnografia da *descrição densa*, de Clifford Geertz.

O que se segue é o fotografar das situações vividas, descrever os sentimentos desse viver, o orgulho dessa pertença e o agir para cuidar a cultura como um bem a favor das vivências individuais e coletivas.

Para realizar uma pesquisa é importante descrever e registrar, durante o trabalho de campo, os contextos das diferenças culturais. Nessa esteira de pensamento, a pesquisa trilhou seus caminhos à busca de fenômenos puros de sentidos à própria comunidade, seguindo os passos das mulheres idosas. Em Geertz (1987), percebe-se que o trabalho de campo como processo metodológico à descrição deve ser uma densa circunscrição do microscópico no macroscópico, e, portanto, como totalidade imbricada no fenômeno.

A metodologia construída e sugerida pelas mulheres tem uma intencionalidade por parte delas: conhecer a tradição e cultura das atividades femininas de forma a poder orientar as meninas e moças nessa direção pela vivência e inserção participativa delas, gradual, na densidade do universo de significação. Esse termo de *meninas e moças* é compreensivo somente na sociedade ocidental, pois para os *A'uwẽas* categorias de idade são entendidas de outras maneiras. Por isso, enfatizando as técnicas, como a observação participante, por meio do acompanhamento das atividades femininas, as rodas de conversa, seja na frente das casas da aldeia, seja na cozinha, seja na roça durante períodos de descanso à sombra dos bacuris (*Platoniainsignis*), mostramos a relevância desse estudo a partir da percepção do que elas dizem/vivem, podem realizar, mas, mais do que isso, do que elas querem dizer e mostrar com certa teatralidade solene no cotidiano.

Portanto, todo o processo metodológico na aldeia, nessa última fase da pesquisa, foi pensado e planejado com e pelas mulheres. O projeto de pesquisa primeiro deu lugar a outro desenhado por elas. Uma vez mais a fenomenologia ajudou a compreender esse comportamento em relação às mulheres e à pesquisadora, pois, como ressalta Capalbo (2008, p. 98): “É pela manifestação do mundo que o outro se torna outro-para-mim. [...] No encontro, esse outro deve ser respeitado na sua alteridade; ele nos convida a conhecê-lo naquilo que ele é.” Foi esse respeito mútuo que fez a pesquisadora caminhar de mãos dadas com as mulheres, crescendo sentimentos que a carne humana se mostra nesse entrelaçamento entre mundo, ciência e o reino animal.

A pesquisadora teve uma situação ímpar: esteve só nessa empreitada de descrever a mulher *A'uwẽ*, com um agravo: trata-se não da mulher *A'uwẽ* de maneira geral, mas das mulheres do Povo da aldeia Pimentel Barbosa, que se constituem no modo de vida mais tradicional, mostrando a sua pedagogia até mesmo no momento de realização de uma pesquisa científica, quando elas mesmas indicam os caminhos e trilhas a serem seguidos durante esse processo. O referido trabalho, com essa particularidade, como dito em passo anterior, é o primeiro, com todo o caráter árduo que isso implica. Por outro aspecto, não era meramente a mulher Xavante da Pimentel Barbosa, visto que cada uma delas possuía marcas de experiência únicas que as faziam singulares.

O caderno de campo é um instrumento valioso para registrar as impressões reveladoras, o lugar e o momento de observação. Essas notas são percepções para os relatórios etnográficos. A entrevista gravada foi o último instrumento usado, pois no início, quando cogitamos a ideia de gravá-la, sentimos no olhar, nos gestos corporais o desagrado e a confirmação disso. Em poucas palavras, aqui numa tradução aproximada para a língua portuguesa: “muito difícil falar dos nossos trabalhos e de nossas vidas, melhor você nos acompanhar para senti-las.”

Assim, optamos por seguir a orientação do *sentir*, procedimento que, certamente, Merleau-Ponty chancelaria.

Um ano depois de convivência com o mesmo grupo, as mulheres mais velhas, e fazendo acompanhamento de coletas de frutas, de batatas, colhendo arroz e longas conversas descontraídas, a pesquisadora foi surpreendida pela aceitação da entrevista gravada: “*wendi!*” (*tudo bem!*). Era uma nova situação em que o proposto foi aceito em hora oportuna. E, novamente, elas orientaram o processo, pois foi percebido que mais difícil do que falar do seu cotidiano era poder confiar na pesquisadora. Era preciso conhecer mais, assim como houve o envolvimento da pesquisadora com os seus trabalhos e sentimentos profundos de amizade, a recíproca foi a mesma por parte delas. A outra surpresa foi também o desejo e a demanda aberta de quererem ser fotografadas durante a entrevista: “para sair no livro, é bom para as mais novas verem que somos velhas e trabalhadoras”, frases pronunciadas na língua e acompanhadas de sorrisos.

É importante frisar que essa última fase contou com um período de um ano e meio de registro no caderno de campo. O desenvolvimento da pesquisa realiza-se entre o movimento de trabalho de campo, alternando entre o vivido, o ruminado, o pensado, e a forma de expressar, que refaz o ciclo para novas significações, de modo que, retomando as experiências anteriores e ressignificando-as no contexto atual, permitam certo grau de amadurecimento de um sentido vivido antes, revivenciado e enriquecido pela expressão escrita.

Essa pesquisa seguiu, portanto, duas orientações epistemológicas, que se complementam: um perfil antropológico e uma perspectiva filosófica. Da Antropologia tomamos a *descrição densa* de Geertz, o conceito de cultura e o de etnografia; da Filosofia, a Fenomenologia com inspiração em Merleau-Ponty e também na compreensão husserliana de *descrição fenomenológica*.

O modelo é de *pesquisa aberta* do tipo *observação participante*, inevitável como expressão possível à condição humana, de uma relação na qual não somos, mas estamos sendo, como entenderia Paulo Freire (2000), também inspirado em Merleau-Ponty, pois nessa metodologia registram-se livremente as observações que fotografam, em parte, a vivência das mulheres desse estudo. Na compreensão de Capalbo (2008, p. 138-139), inspirada na filosofia fenomenológica,

A observação ou percepção qualitativa dos dados busca separar o que é contingente daquilo que é essencial e que se mostra no próprio dado, oferecendo-nos, porém, uma percepção inconclusa ou em perspectivas, conforme já haviam falado Husserl e Merleau-Ponty. A categoria concreta surge da situação em que é observada. Pela análise

descritiva, mediante a qual se vai recebendo o tipo e a qualidade da informação, chega-se a uma percepção mais clara, direta, intuitiva.

Ao longo do seu livro (2008), a autora vai desenhando uma discussão que nos leva a entender os processos de uma metodologia, e, para isso, é importante destacar a intuição. Essa é significativa. É um ver com discernimento, dar sentido a algo. Situação de presença do sujeito em face do fenômeno a ser descrito (é o lema de *volta às coisas nelas mesmas* ou *as coisas em carne e osso*, significando a atitude descritiva, desprovida de *conceitos a priori*); descrever adequadamente o que é significativo do próprio fenômeno: do vivido e do percebido. Trata-se da descrição compreensiva e interpretativa. Capalbo (2008, p. 19-19) pondera que, para a fenomenologia existencial, “[...] o que se visa é redescobrir num encontro original, anterior a todas as informações já dadas, o que são as coisas nelas mesmas, tais como se mostram ou aparecem à consciência perceptiva”.

Numa compreensão merleau-pontyana, o filósofo Claudinei da Silva (2009, p. 21, grifos do autor) adensa que a natureza do objeto não “[...] trabalha com ‘problemas’ objetivando ‘solucioná-los’, mas se confronta com ‘questões’ ou ‘enigmas’.” Mediante a análise descritivo-compreensiva busco a essência⁵ daquilo que me é revelado no cotidiano vivido com as mulheres. Os problemas que surgem no dia a dia não cabem a um forasteiro ou forasteira solucioná-los. Confrontamos com eles, como foi o caso da pesquisadora, e as mulheres os desnudavam frente à pesquisa ou pediam ajuda, dialogávamos e os problematizávamos para, juntas, vermos a melhor forma de encontrar caminhos para uma solução. Assim, em cada situação de perplexidade do vivido, a pesquisa vai delineando seus passos, clareando aos poucos os pontos obscuros desse cotidiano pessoal e coletivo das mulheres que compreendem o objeto da pesquisa, que a ele aderem, reagem com curiosidade, com imaginação criadora, propõem e aprovam o publicável. Para aclarar diferentes momentos do cotidiano ou rituais a fotografia foi um instrumento importante para dar visibilidade às atividades desenvolvidas.

5 Aquilo que o objeto me mostra de si, comigo. A essência das coisas é sempre uma relação eu, outro, mundo texto, trançada por fios que aproximam e distanciam a um só tempo, e preservam a identidade do eu, do outro e do mundo, sem torná-los uma generalidade, como escreve Merleau-Ponty em sua obra *Visível e Invisível* (2009). “A identidade é a diferença da diferença”.

Registros fotográficos como estratégia metodológica

Esse recurso é outro instrumento importante para mostrar a beleza e a estética da pesquisa. Assim, as fotos vão aparecendo como narrativas, revelando, muitas vezes, o que a escrita não dá conta de alcançar. O esforço é mostrar as fotos como ilustrações dos momentos narrados, por isso, primeiramente, serão mostradas as fotos das mulheres da pesquisa e um pouco da autobiografia de cada uma. Posteriormente, as fotos seguem a ordem dos caminhos do texto na tese.

Algumas pesquisas apontam para a importância da etnofotografia como fonte documental, como instrumento de “resgate”⁶ de grupos da sociedade e também as vantagens desse recurso como forma de apresentar o grupo em estudo.

Segundo Achutti⁷ (1997, p. 64 apud BONI; MORESCHI, 2007, p. 140), a fotografia está além de ser um recurso, tão somente como uma técnica, é também: “[...] construção de um trabalho fotoetnográfico que venha a ser relevante, [...] como uma outra forma narrativa, que somada ao texto etnográfico, venha enriquecer e dar mais profundidade à difusão dos resultados obtidos.” Portanto, a fotografia etnográfica tem um caráter de documentação histórica e científica, ainda que não se pretenda com essas imagens fazer uma análise profunda delas, pois elas vêm como recurso metodológico para a compreensão do texto elaborado ao longo desse estudo.

Aqui não se insere um estudo com análise de fotografia com a visão antropológica. No entanto, ao fotografar as situações vividas tanto no cotidiano como em festas e rituais, a fotografia foi pensada para servir de detalhes de uma cena que a pesquisadora não pudesse ou não soubesse explicar neste texto. Por meio da fotografia foi possível fazer os esclarecimentos necessários com os próprios *A’uwẽ*.

Neste texto, a fotografia tem sua importância também porque atua como um texto narrativo das atividades desenvolvidas no cotidiano da comunidade que vive na aldeia Pimentel Barbosa, bem como ilustra contextos interligados à festa

6 Também esse termo se mostra autoritário, como se pudéssemos, somente a partir da nossa ação, salvar o que, sozinho, estava perdido. Ainda que o reconhecimento seja fundamental entre pessoas, elas valem para além do nosso olhar. O outro não é redutível ao mesmo, dirá a ética de Levinas. A melhor maneira que poderia usar para substituir esse termo seria *revitalizar*. Como disse um Kaiowá, certa vez: “[...] é preciso fazer reviver o que já está vivo e nunca morreu. Está guardado e quando tivermos condições iremos praticá-lo novamente.”

7 BONI, Paulo César; MORECHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia**: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. [Documento On-line, n. 3, dez. 2007, p. 137-157]. Disponível em: <<http://migre.me/cskCh>>. Acesso em: 27 set. 2012.

ritualística e mostra a beleza dos artefatos e pinturas desse povo. Tem um poder semiótico que estabelecerá um diálogo com o olhar de quem vê. Não é como toda a linguagem estética apreensível como valor universal. Nem todas as pessoas se comovem com a música; ou a pintura. Cada qual tem, na sua história corporal, uma sensibilidade para uma das dimensões, ainda que um sentido desperte sempre o outro sentido e se comunique de forma circular, implicando todos os outros, por meio da sinestesia. A fotografia, como instrumento metodológico, exige conhecimento do povo estudado por parte dos pesquisadores. Tiballi e Jorge (2007, p. 74) afirmam que é muito importante preocupar-se com alguns critérios, como a metodologia visual, que possibilita a orientação da observação. Assim, colocam três considerações centrais:

Em primeiro lugar, impõe-se o problema de domínio do conhecimento da natureza da fotografia e do conhecimento cultural do grupo observado, por parte do pesquisador. [...] Em segundo lugar, é preciso considerar a didática da observação visual, o que implica definir os objetivos e planejar a observação a ser registrada por meio da fotografia. Em terceiro lugar, devem-se definir os fundamentos da pedagogia visual que orientará a análise dos dados observados. Neste caso, é preciso considerar os elementos que compõem o conteúdo da fotografia à luz do contexto histórico e educacional do objeto investigado.

Por outro lado, é importante uma educação do olhar. Ela é apreendida. Existe o que se chama uma *desalfabetização do olhar*, que faz com que obras de arte sofisticadas, como, por exemplo, *La Belle de Jour*, não tenha mais impacto nos mais novos, cujo olhar foi alfabetizado para ler os animes e o grafite (SANTANA, 2008).

Essas características merleau-pontyanas apontadas justificam a necessidade das fotografias como uma estratégia de ver etapas dos acontecimentos do cotidiano e também dos rituais citados ao longo do texto. Interessante porque a escrita é uma parte, as fotografias formam outra e os dados etnográficos apresentam, ainda, outra parte. Juntos, podem não formar uma totalidade das partes, ainda assim, levam o leitor a um conhecimento com maior profundidade da pesquisa. Necessário se faz dizer que a pesquisa, assim como o Objeto-Mundo, também se apresenta em forma dessas três características: mostra-se incompleta, sua identidade nesse horizonte espacial e temporal leva essas partes do texto como *partes totais* daquilo que foi possível pesquisar e se mostra também ambígua, ao se colocar nessa relação de partes e totalidades.

A realidade da dimensão do campo de atividades desenvolvidas pelas mulheres não se pode dizer que é clara, mas, também, não é obscura. É o que é e mostra o que a pesquisadora conseguiu captar com as lentes, focando por seu olhar. Por isso, é interessante iniciar com imagens das mulheres que se mostraram e que são partes integrantes dessa pesquisa e, nessa relação de ensinar/aprender/fazer, evidenciam uma obscuridade no campo do trabalho feminino, embora essa obscuridade seja representada apenas para o não indígena, que as ignora ou somente as vê com expressões e palavras pejorativas, o que as incomoda, deixando-as ainda mais tímidas e distantes dos *Warazu* (também grafado *waradzu*).

Considerações finais

O texto que delinea a metodologia merleau-pontyana configura um esforço de exemplificar a prática pela via da pesquisa *in loco*. A relação da construção dessa metodologia pelas mulheres Xavante com a concepção de metodologia merleau-pontyana é entendida por nós como muito próximas uma da outra. Uma dá conta da outra, sintonizadas mediante uma inter-relação de simbiose. Os instrumentos utilizados nessa metodologia expressam um complemento dela mesma, como o caderno de campo, a fotografia e a própria observação do desenvolvimento das atividades do cotidiano da vida das mulheres, em dias comuns, ou em dias de festas ritualísticas.

Durante os rituais, e mesmo em dias comuns, foi possível perceber os aspectos simbólicos envolvidos em cada ação realizada. Isso remete à lembrança a discussão que Boaventura de Sousa Santos (2010, p. 27) alinhava sobre as sociologias das emergências, definindo parte delas como:

Las sociologías das emergencias consisten en proceder a una ampliación simbólica de los saberes, prácticas y agentes de modo que se identifique en ellos la tendencia de futuro (lo todavía no) sobre las cuales es posible actuar para maximizar la probabilidad de la esperanza con relación a la probabilidad de la frustración. Tal ampliación simbólica es, en el fondo, una forma de imaginación sociológica que se enfrenta a un doble objetivo: por un lado, conocer mejor las condiciones de las posibilidades de la esperanza; por otro, definir principios de acción que promuevan la realización de esas condiciones.

As mulheres Xavante da aldeia Pimentel Barbosa, ao desejarem registrar seus saberes e mostrar suas práticas, estão pensando tendenciosamente no futuro de suas gerações, em relação à concretização das atividades desenvolvidas milenarmente e repassadas para todas as gerações seguintes. A divulgação, por meio do registro escrito, desses saberes milenares e suas práticas faz com que as mulheres sintam-se orgulhosas de apresentar seu jeito de ser e viver. É uma forma de mostrar para a sociedade não indígena que ainda existem saberes descolonizados; saberes que não estão à venda; saberes que dão às pessoas a oportunidade de viver de modo mais alternativo, a exemplo de que, no lugar do dinheiro, ainda se vivencia a troca, uma camisa por um pedaço de carne de caça, uma fruta do cerrado por outra, o trabalho coletivo, a educação de responsabilidade de todos que ali vivem e outras atividades trocadas que não envolvem moedas monetárias. Esses princípios que atuam em suas vidas promovem a esperança e a realização do jeito de ser e viver *A'uwẽ* citado, por Boaventura de Sousa Santos (2010) nas sociologias das emergências.

Desse modo, a metodologia fenomenológica que Creusa Capalbo (2008) vem discutindo, em linhas gerais, só faz sentido mediante a sincronia entre sujeito e o fenômeno a ser descrito, sem conceitos predefinidos. É desnudar o que é significativo para o próprio fenômeno, perceber o que são *as coisas nelas mesmas*, como aparece à consciência perceptiva. Essa percepção, de acordo com o pensamento de Merleau-Ponty (1964, p. 269-302 apud CAPALBO, 2007), se apresenta como reencontro entre a subjetividade e as coisas, aquilo que é e que permanece em seu ser. Nesse reencontro entre a subjetividade e o mundo é que nasce a percepção, contudo, não se pode entender que essa percepção seja um puro ver da presença, mas sim seu vínculo ao Ser. Quiçá seja por isso que Merleau-Ponty insiste na filosofia do silêncio, ou seja, na relação com o ato de significar com a experiência muda, silenciosa que envolve todos os sentidos e que os transcende. Para esse filósofo, o ver originário é aquele que vê no silêncio do Ser, onde jorra a palavra. A palavra na mesma compreensão em que os Guarani e Kaiowá (Mato Grosso do Sul) a colocam: profunda, confiável, comprometida, cheia de espiritualidade, porém, perigosa quando mal usada, ainda que necessária para conhecer e viver no e com o mundo. Essa investigação com o viés merleau-pontyano nos levou a dar um novo significado à presença das mulheres *A'uwẽ*, torná-las visíveis, reconhecê-las em outro contexto que desanuvia a venda dos nossos olhos educados num modelo patriarcal, de submissão aos padrões patriarcais, e mostrá-las como autênticas, seguras de si mesmas, orgulhosas de serem *A'uwẽpiđuptabi* (mulheres Xavante autênticas).

Referências

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Editora Porto, 1994.
- BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. **Revista Digital de Cinema Documentário**, Net, dez. 2007. Disponível em: <<http://migre.me/csjfK>>. Acesso em: 27 set. 2012.
- CANEVACCI, Massimo. A luta antimanicomial como uma luta cultural. **Revista IHU Online**, Net, n. 391, ano 12. abr. 2012. Disponível em: <<http://migre.me/aWKlx>>. Acesso em: 27 set. 2012.
- CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. São Paulo: Idéias e Letras, 2008.
- _____. A Subjetividade e a experiência do outro: Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, ano 13, n. 1, p. 25-50, jan./jun, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- _____. **O visível e o invisível**. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora D'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- SANTANA, Emanuel. **A linguagem e Alfabetização audiovisuais. Conexões: movimento social, educação popular e cinema. A experiência do Movimento dos Atingidos por Barragens de Chapada dos Guimarães - MT e o Cinema Circulante**. Dissertação (Mestrado em Educação)– Programa de Pós-Graduação em Educação, Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.
- SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da. **A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Descolonizar el saber, reinventar el poder.** Montevideo: Ediciones Trilce, 2010.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes; JORGE, Luiz Eduardo. A etnofotografia como meio de conhecimento no campo da educação. **Habitus**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 63-76, jan./jun, 2007. Disponível em: <<http://migre.me/aX9pU>>. Acesso em: 27 set. 2012.

Recebimento em: 15/07/2014.
Aceite em: 26/10/2014.